

“Ela é um modelo de esposa”: representações viçosenses sobre a vida conjugal de Santa Rita*

Raquel dos Santos Sousa Lima**
raquelssousalima@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta diferentes apropriações que devotos da cidade mineira de Viçosa fazem em torno das narrativas biográficas de Santa Rita de Cássia. Esta santa é descrita em livros, santinhos e novenas que circulam entre os fiéis como uma boa esposa, inicialmente submissa e resignada, que sofreu e foi obediente a um marido violento, mas que por intermédio de muita oração conseguiu convertê-lo, salvando seu casamento. Considerando-se o exemplo de conduta conjugal sugerido nessas narrativas, e valendo-se dos referenciais teóricos dos estudos de gênero e da História Cultural, o presente trabalho investiga a forma pela qual os entrevistados – homens e mulheres- se apropriam do modelo de esposa baseado na figura da Santa.

Palavras-chave: Santa Rita de Cássia, devoção, hagiografia, gênero.

Abstract: This paper presents appropriations that some devotees of Saint Rita of Cascia make about the narratives about this saint in Viçosa, a small city in the state of Minas Gerais. The Santa is described in books, prayer cards and novenas circulating among the faithful as a good wife, initially submissive and resigned, that suffered a lot and was obedient to a violent husband, but through much prayer she was able to convert it, and save her marriage. Considering the example of marital behavior suggested by these narratives, and based on theoretical framework of gender studies and cultural history, this paper investigates the way in which these devotees - men and women- do appropriate the model of wife based in the figure of Santa Rita.

Keywords: Saint Rita of Cascia, devotion, hagiography, gender.

Introdução

Você, que tem devoção à Santa Rita, lendo-o, vai ver que beleza é a vida da nossa Santa. Como *Santa Rita*, por amor a Deus, *praticou virtudes heroicamente*. Ela é *exemplo belíssimo de paciência para esposas que sofrem, tolerando maridos*

* Artigo com pesquisa parcialmente financiada com recursos da Bolsa de Doutorado do CNPq

** Doutoranda em Antropologia Social/Museu Nacional UFRJ, professora do CAP-COLUNI da UFV.

*impertinentes, violentos, brutos, irresponsáveis. É também, modelo de vida Santa, para viúvas e para religiosas.*³

Assim começa o livro *Rita estigmatizada: estrela fulgurante de Viçosa*, obra que tem sido utilizada como referência na elaboração de alguns documentos produzidos e divulgados aos devotos e frequentadores da Paróquia de Santa Rita de Cássia, na cidade mineira de Viçosa⁴. Na obra há uma clara alusão ao comportamento conjugal de Santa Rita, realçando sua exemplaridade como esposa paciente e tolerante diante de um marido violento.

Essa menção à conturbada vida matrimonial da santa não é uma particularidade da devoção viçosense, pois é encontrada na primeira hagiografia da Santa, escrita em 1610, tendo sido subsequentemente difundida por intermédio de biografias, novenas e relatos orais.⁵

Conta-se que a vontade de Rita (1381-1457), filha única de um casal idoso que vivia na cidade italiana de Cássia, teria sido desde criança seguir a vida religiosa, mas seus pais a teriam proibido de entrar no convento. Por obediência a estes, casou-se com Paulo Ferdinando, com quem teve dois filhos. Seu esposo é apresentado em muitas biografias como um homem que

tinha inimigos, por causa de seu caráter violento; tinha sido ofendido e procurava vingar-se, quando não podia alcançar seu objetivo, desabava em casa a tempestade e sua pobre esposa, tímida e inocente, devia suportar as consequências. Havia então cenas violentas e brutais.⁶

Rita teria sofrido com a violência do marido durante seus dezoito anos de casamento, reagindo às agressões com contínuas orações a Jesus Cristo. Por intermédio dessas preces teria conseguido convertê-lo, tornando-o um homem temeroso a Deus e um esposo melhor. Logo após sua conversão, porém, Paulo fora assassinado, num ato de vingança de antigos inimigos.

O comportamento de Rita costuma ser narrado da seguinte maneira:

Sua sabedoria foi genial convertendo seu marido Paulo Ferdinando. Sua coragem foi olímpica suportando anos e anos de tortura, revelando paciência admirável ante a um esposo cruel e sem princípios, seu consorte, algoz. [...]

³ C.J.QUINTÃO, *Rita estigmatizada: estrela fulgurante de Viçosa*, p.37, o grifo é nosso.

⁴ Cidade brasileira localizada na zona da mata do Estado de Minas Gerais, com aproximadamente 65 mil habitantes distribuídos numa área de 300,15 km². Viçosa dista 220 km de Belo Horizonte e 350 km do Rio de Janeiro.

⁵ Cf. L.SCARAFFIA, *La santa degli impossibili*; ROSOLI, *La devozione a Santa Rita nei paesi europei e oltreoceano. Primi risultati di una ricerca*. In: *Santa Rita da Cascia. Storia devozione sociologia*.

⁶ M.L.de MARCHI, *Santa Rita de Cássia*, p.32.

Rita, a pérola da Itália, por tempo semelhante foi torturada por aquele marido desastrado. Como foi mostrado, converte seu esposo.⁷

Assim, ela foi caracterizada como “*exemplo bellissimo de paciência para esposas que sofrem*”⁸. É certo que a exemplaridade e a mediação (ou intercessão) são os poderes mais salientados pela Igreja Católica a respeito dos santos, descritos como “*peças por cujo exemplo os fiéis se edificam*”⁹. Mas é interessante refletir, a partir do século XXI, sobre a proposição de uma santa violentada pelo marido como exemplaridade de paciência e tolerância para mulheres.

Como seria possível nos dias de hoje, marcados por discussões acadêmicas de gênero, por movimentos de conscientização e por políticas públicas voltadas para a autonomia e a defesa dos direitos das mulheres, responder à seguinte conclamação feita pelo Papa Leão XIII em 1900, durante a cerimônia de canonização desta Santa: “*Oh! Que imitem a Santa Rita as mulheres de nosso tempo!?*”

Instigada pelas proposições das narrativas biográficas¹⁰ sobre Santa Rita, realizei uma pesquisa¹¹ na cidade de Viçosa durante os anos de 2004 e 2006, na busca por compreender como os devotos em geral e as mulheres em particular se identificavam com a santa. Inicialmente consultei biografias emprestadas por um cônego da cidade, indicado por diferentes pessoas como sendo o grande conhecedor viçosense a respeito de Santa Rita. Segundo este membro da hierarquia eclesástica local, seria nessas obras que ele se baseava para elaborar os sermões que proferia publicamente sobre a vida da santa na ocasião da sua festa, em 22 de maio. A partir dessas narrativas também seriam escritos textos diversos e novenas da santa, que são divulgados e que circulam entre os fiéis daquela cidade.

Partindo do suporte conceitual das discussões de gênero e da História Cultural¹², bem como da metodologia da História Oral e da “observação participante”¹³,

⁷ J.G.V. CARVALHO, *Temas finais*, pp.209-210.

⁸ C.J.QUINTÃO, *Rita estigmatizada: estrela fulgurante de Viçosa*, p.5.

⁹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - CNBB (ed). *Código de Direito Canônico*, p.81.

¹⁰ As biografias que utilizo em meu trabalho foram indicadas por um cônego da cidade de Viçosa, o qual, na visão dos devotos, seria o grande conhecedor de Santa Rita, já que ele há anos escreve e profere um sermão sobre a vida da santa, durante sua festa anual, em 22 de maio.

¹¹ Esta pesquisa deu origem à dissertação “Oh! que imitem a Santa Rita de Cássia!” as mulheres de nosso tempo: representações e práticas da devoção em Viçosa (MG), 2003-2006, defendida no Mestrado em História na Universidade Federal Fluminense, em 2006. Algumas análises da dissertação foram revistas no trabalho de conclusão do curso Teorias da Identidade, ministrada pela professora Adriana Vianna em 2009, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ, e foram incorporadas a este artigo.

¹² Refiro-me, sobretudo, à concepção de CHARTIER, que via a História Cultural como um campo que “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. (R.CHARTIER, *A história cultural*, p.16)

¹³ Utilizo aspas para salientar que, embora não fosse uma pesquisa antropológica, tive contato com o trabalho etnográfico ao observar práticas relacionadas à devoção no dia-a-dia dos devotos, ao conversar formal e infor-

investiguei como alguns homens e mulheres¹⁴ se apropriavam das narrativas da vida da santa e como a representavam. Pretendia apreender em que medida a história da santa se confrontava efetivamente com os fatos das vidas e da realidade local daquele município mineiro, que presta um longo culto à Santa, sua padroeira desde o século XIX. A questão-chave que busquei responder foi até que ponto Santa Rita fora de fato, em Viçosa, “*um exemplo belíssimo de paciência para esposas que sofriam, tolerando maridos impertinentes, brutos e irresponsáveis*”. Afinal, como sugeriram CHARTIER¹⁵ e CERTEAU¹⁶, nem sempre as palavras destinadas a configurar pensamentos e ações seriam inteiramente eficazes e radicalmente aculturadoras.

As representações histórias de Santa Rita

Na fase inicial da pesquisa, em conversas informais que travei na busca por informantes, dirigi-me a algumas mulheres, convidando-as para falarem sobre a santa. Umás recusavam, dizendo desconhecer sua história; outras prontamente aceitavam o convite, mas alegavam que não conheciam bem a vida de Santa Rita, exceto o fato de que *ela tinha sofrido muito no casamento*.

Por intermédio de contatos e situações diferentes fui pouco a pouco percebendo como o tema do sofrimento era algo recorrente nas representações que muitos devotos faziam da santa, como ilustram as seguintes narrativas:

Eu sinto que realmente é um modelo pra nós hoje, é a questão do relacionamento dela com o marido, que era um homem violento, egoísta, e que realmente, com certeza decepcionou profundamente Santa Rita. E ela acreditou que podia ser canal de salvação pra vida dele e não abandonou o marido. Então, esse aspecto da vida de Santa Rita sempre me chamou muito a atenção, e eu sinto que deveria ser modelo para todos nós. Todas nós, né, as mulheres, as mães, as esposas de hoje no sentido de permanecerem firmes no sofrimento porque Deus tem uma solução pra todo mundo, né? Como teve para Santa (Dona Amanda, 62 anos, proprietária de uma loja de artigos religiosos, casada, mãe; 17/05/2006).¹⁷

malmente com fiéis, festeiros, viçosenses não-devotos, ao acompanhar ocasiões especiais, como as festas e as procissões, enfim, ouvindo “nativos” e fazendo uma observação “quase” participante, no sentido de Malinowski, cf. B.MALINOWSKI, *Argonautas do Pacífico Ocidental*.

¹⁴ Na dissertação entrevistei ao todo dezessete devotos, seis homens e onze mulheres, de diferentes idades, classes sociais, níveis de escolarização, estados civis, etnias e profissões. Nela também utilizei narrativas ouvidas em conversas informais.

¹⁵ Cf. R.CHARTIER, *A história cultural*.

¹⁶ Cf. M. CERTEAU, *A invenção do cotidiano*.

¹⁷ Os nomes que utilizo nesse texto são fictícios, apesar de todos os entrevistados terem assinado um termo de cessão de depoimento, autorizando a reprodução da entrevista.

Santa Rita cresceu e casou com, por obediência, com Fernando e ele foi muito ruim com ela, mas ela aceitou todo o sofrimento. Aí quando ele já tinha melhorado, né, já tinha, né... Já estava bom pra ela, eles estavam vivendo bem, mas ele era ruim mesmo, imagina um marido ruim pra esposa, mas ruim mesmo, e ele era desse jeito, a ponto de ele pedir pra ela fazer uma sopa de pedra, essas pedras redonda que parece batata. [...] É, ele fez isso com ela. Aí ela pegou as pedras e pôs pra cozinhar com todo carinho, e as pedras cozinharão. [...] Aí quando ela serviu a sopa, que ele pegou a colher, partiu assim, a pedra partiu igual batatinha! Só que ele não era bobo de comer, que ele sabia que era pedra, então ele jogou na Santa Rita aquela sopa quente. Jogou tudo em cima dela. [...] Ela deu um exemplo de fidelidade ao matrimônio, porque agora qualquer dificuldade os casais estão separando. (Dona Martha, 62 anos, funcionária pública aposentada, Ministra da Eucaristia, casada, mãe de quatro filhas; 20/09/2005).

Aí ele foi, ele chegava em casa, bebia muito, jogava muito, né e agredia ela, mas ela sempre em oração, ela sempre ali rezando, passando a vida dela pedindo muito a Deus por ele. [...] Ela é um modelo de mulher, ela é um modelo ... Ela mostra tudinho às pessoas, como uma mulher deve proceder (Helem, 35 anos, comerciante, mãe, solteira; 24/05/2006).

Sofreu, né, porque o marido dela era péssimo, ordinário mesmo, a ponto de ser assassinado. [...] Ah, ela é um exemplo, não só como mãe, como esposa, né, o marido não valia nada, mas ela ... por causa disso, ela nunca brigou com ele, salvou os filhos da desgraça, e viveu sua vida de sofrimento até ganhar os céus! (Senhor Mário, 72 anos, mecânico, casado; 21/09/2005).

Santa Rita tem uma história tão bonita e tão triste. Sem dúvida foi uma mulher que se casou mal, ela queria ser freira e não tinha jeito de ser, mas não sei porque conseguiu entrar lá, bom, mas eu não sei a história direito (grifos meus) (Senhor Marcos, aposentado, 72 anos, esposo de Dona Elenir; 21/01/2006). Ela foi um exemplo de mãe, ela foi um exemplo de esposa porque se a gente for pensar hoje em dia uma mulher normal, que não tem religião nenhuma, né, se o marido dela brigar com ela se bobear ela bate, briga também, xinga, faz de tudo, né. (grifos meus) (João Henrique, 21 anos, estudante de engenharia, solteiro; 19/05/2006).

É notório que o sofrimento, em muitas de suas faces, ocupa espaço central nas narrativas dos devotos, mas uma rápida leitura dessas histórias nos permite perceber que o tema do sofrimento conjugal de Santa Rita ganhava destaque na fala dessas pessoas. A santa aparece como modelo de conduta que, se era particularmente destinado às mulheres casadas, também valia para pessoas de outros estados civis.

Santa Rita foi representada como um modelo poderoso de esposa e de mãe, capaz de viver com humildade e de se sacrificar, constituindo-se numa espécie de suporte moral e religioso que regenerou sua família. A perversidade atribuída a

Paulo Ferdinando nessas narrativas ajudava a reforçar o papel espiritual louvável de Santa Rita em ter aceitado viver ao lado do marido, tentando convertê-lo, até conseguir fazer dele um homem temente a Deus. Sob esse aspecto, pode-se entender porque sua exemplaridade poderia ser especialmente dirigida às pessoas casadas, sobretudo se considerarmos, como alertaram os devotos, que quaisquer dificuldades vivenciadas entre casais seriam motivo para separação nos dias de hoje.

As vozes que atribuem a Santa Rita e às outras mulheres a habilidade de tolerar mais os sofrimentos encontram raízes no pensamento católico. Segundo Evelyn STEVENS, essa suposta capacidade estaria fundada no marianismo, corrente de pensamento que a partir do século XIX defendia o culto da superioridade espiritual feminina, alegando que as mulheres seriam mais capazes de suportar o sofrimento, em nome da união da família.¹⁸

Há certa reprodução do discurso religioso nas falas daqueles devotos, a qual não é mera repetição direta daquilo que a Igreja discorre a respeito de Santa Rita. Há uma dinâmica de circulação cultural, no sentido apontado por Carlo GINSBURG, na qual as narrativas eruditas se misturam às populares.¹⁹ Os devotos se apropriam de formas diferenciadas das narrativas eclesiásticas, mas mantêm parte do discurso. A igreja, por sua vez, através de seus clérigos, tenta reforçar a representação da Santa como modelo de paciência:

Quantas pessoas vieram procurar o sacerdote e dizem: ‘bem que o senhor falou, rezei a Santa Rita e meu marido voltou a se confessar, a participar da missa e ser devotado a mim e a meus filhos (Cônego, entrevista, 08/02/2006, Viçosa).

Percebe-se na fala desse representante da Igreja que a exemplaridade e o caráter mediador de Santa Rita são incentivados perante os fiéis, que acabam fazendo dela uma intercessora muito especial, como se fosse uma mulher “*das mediações bem sucedidas, apoio para a igreja e exemplo para os fiéis*”.²⁰

As pessoas acreditam que a santa teria compaixão pelas sofredoras e se engajaria em suas causas, concedendo-lhes a graça de, um dia, terem seus problemas conjugais resolvidos. Os devotos crêem que, pelo fato de ter sofrido tanto, a Santa poderia se sensibilizar com seus sofrimentos e nesse sentido ser emocionalmente atraída para atender aos pedidos das mulheres sofredoras.²¹ Rita era vista como

¹⁸ Cf. E.STEVENS, Marianismo. The Other Face of Machismo. In: PESCATTELO, Ann (ed.): *Female and Male in Latin America*.

¹⁹ Cf. C. GINSBURG, *O Queijo e os Vermes*:

²⁰ LE GOFF, *O homem medieval*, p.24.

²¹ A respeito das diferentes formas de relação entre devotos e seus santos, especialmente sobre os pedidos endereçados aos segundos, cf. R.MENEZES, Saber pedir: a etiqueta do pedido ao santo. In: *Religião e Sociedade*;

remédio para as angústias, dúvidas e problemas de quem a procurava; portanto, na qualidade de santa, não poderia se recusar a servir.²²

Consultando as biografias e novenas de Santa Rita, verifiquei que a violência, sob a forma de agressão física ou simbólica (que hoje seria tratada em termos de violência doméstica contra a mulher), apareceu muitas vezes associada ao alcoolismo. Vejamos:

Excitado pelo vinho e pela cólera, Paulo se deixava levar por raivas loucas, quebrando tudo o que lhe caía nas mãos ou lhe oferecia resistência, apostrofando ou blasfemando ignominiosamente, fazendo assim estremecer de horror e desespero a pobre Rita.²³

Não é de hoje que existem mulheres vítimas de violência dentro de suas próprias casas, sofrendo agressões físicas e morais de seus maridos. No século XIV, a jovem italiana Rita de Cássia já era uma delas [...] a tranquilidade e paciência com que Rita de Cássia suportou os ultrajes do marido garantiram-lhe o merecimento de levar o resto de seus dias da maneira como sempre sonhou. É assim que devemos procurar agir quando as adversidades forem tantas, a ponto de nossas metas parecerem inatingíveis. Se continuarmos tentando com obstinação, sem revolta ou ansiedade, os caminhos vão se abrir para que o melhor nos aconteça.²⁴

É importante perceber como o comportamento tranquilo e estóico de Santa Rita frente às agressões do marido é algo apresentado como admirável, conduta que efetivamente deveria ser seguida por outras mulheres. Nesse sentido, chama atenção o fato de algumas devotas reproduzirem esse discurso, como ilustra o depoimento de Luciana, de trinta e nove anos. Ela destacou a respeito de Paulo Ferdinando, esposo de Santa Rita:

Ele bebia muito e batia nela depois.

Raquel: E ela?

Ficava calada, aguentava tudo e ficava calada, ela estava sempre triste, meia [sic] calada, ela estava sempre muito sofrida, quase não falava com ninguém (25/05/2006).

Essa fala é particularmente significativa, pois a devota fora casada, havia se separado poucos meses antes dessa conversa e, ao ser questionada sobre sua

R.MENEZES, Santo Antônio no Rio de Janeiro: dimensões da santidade e da devoção. In: FTEIXEIRA, Faustino; R.MENEZES (orgs.). *Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas*.

²² Cf. A.VAUCHEZ, Santidade. In: *Enciclopédia Einaudi*.

²³ M.L.de MARCHI, *Santa Rita de Cássia*, p.32.

²⁴ A.GUIMARÃES, *O livro dos santos*, p.22.

própria experiência conjugal, calou-se. Além do fato de ter se calado em vários momentos da conversa, destacou-se o jeito pausado e sôfrego de falar, ao descrever que a santa apanhava muito. É interessante perceber como Luciana transferia para Santa Rita a falta de palavras frente ao marido violento, mas ela mesma, devota, não conseguia falar de seu próprio casamento. Seu silêncio, nos momentos da entrevista, entrecruzado com as poucas passagens que contou sobre o ex-marido, é certamente muito significativo e merece ser considerado.²⁵

O silêncio ou falta de palavras pode ser uma espécie de resposta à violência, na qual o não narrativo seria aquilo que era indizível na vida cotidiana²⁶. Devo registrar que, ao se deparar com o item *estado civil* quando preenchia um cadastro com seus dados pessoais, depois de hesitar por alguns segundos, Luciana colocou um risco no local onde deveria escrever se era solteira, casada, separada, desquitada ou viúva. Se as palavras lhe faltaram, a atitude e o gesto pelo qual riscou o papel sugerem muita coisa. Pensando em termos das condições sociológicas, no sentido de que sua fala e seus gestos eram tributários de uma situação social pós-separação, na impossibilidade de falar sobre o casamento, restaria à devota “riscar” essa experiência no papel? Seria uma circunstância anômica diante da realidade em que se encontrava? Sob esse aspecto, é estimulante pensar em que medida Luciana, ao contar sobre Santa Rita, poderia estar falando de si.

É preciso considerar que os devotos entrevistados falam a partir de suas experiências e vivências numa pequena cidade do interior mineiro, na qual, a exemplo de muitas localidades do Brasil e alhures, a violência física constitui uma realidade presente em todas as classes sociais. Violência que, sem dúvida, tem incidido com mais ênfase sobre as mulheres, quer fisicamente, com espancamentos, estupros etc., quer sob formas mais sutis, como a chamada violência simbólica.²⁷

Saliento que a violência apareceu nas falas dos diferentes devotos como algo associado às agressões físicas provocadas pelo homem, o marido de Santa Rita. Esta não abandonou o marido, nem reagiu sendo também violenta, mas sim utilizando *o que a mulher deveria ter de mais poderoso*: a abnegação, a paciência, o amor, a obediência e, sobretudo, a fé em Deus e em seus desígnios - Rita orava pelo marido quando ele a agredia.

Entretanto, para muitos devotos a conduta aparentemente passiva de Rita não era vista como submissão, mas como uma demonstração de fé e um meio para

²⁵ Cf. PTHOMPSON, *A Voz do Passado*.

²⁶ Inspiro-me aqui nas considerações da antropóloga Veena DAS que trabalhando com depoimentos de mulheres frente a situações de violência, afirmou que algumas experiências de violência seriam indizíveis, pois levantavam dúvidas quanto à própria vida. Cf. V.DAS, *Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos*. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*.

²⁷ Cf. R.SOIHET, *Condição feminina e formas de violência*, p.255.

suportar o sofrimento e atingir sua meta, a conversão do marido. Por isso ela era modelo, um modelo que dera certo e que deveria ser seguido.

Tal ideia fica clara, por exemplo, quando Dona Amanda, comentando sobre a resignação da santa, afirmou que ela teve

Uma resignação construtiva, né? Porque a palavra resignação ela costuma ter conotação negativa. Tipo assim, a pessoa cruzar os braços, é... e falar assim: não tem nada pra eu fazer mesmo, então seja feita a vontade de Deus. Então acaba sendo uma resignação que a pessoa fica... acaba ficando é traumatizada. É uma resignação que não constrói, porque tipo assim: já que eu não posso fazer nada então eu vou suportar isso. Não é o caso de Santa Rita. Então Santa Rita é resignação no sentido de acreditar que qualquer situação poderia ser mudada por causa da fé dela em Deus. Então a resignação que pra mim é sinônimo de abandono, confiança nas mãos de Deus [...] o sonho de Santa Rita era servir a Deus por meio de uma vida consagrada, mas em obediência aos pais ela deu toda uma volta na vida dela. Deus possibilitou a realização do sonho dela apesar dela ter passado por tanta atribulação, por tanta dificuldade e conseguiu realizar... ser canal da graça de Deus pra salvação de muitas pessoas e conseguiu realizar o sonho dela que foi morrer como uma pessoa consagrada a Deus na vida religiosa (Dona Amanda, proprietária de loja de artigos religiosos, casada; 17/05/2006).

A oração, importante disciplina para o fazer das subjetividades femininas na Cristandade ocidental, aparece, para os viçosenses, como uma pedagogia íntima sobre como se comportar em tempos difíceis²⁸. Nesse sentido, o rezar apresenta-se como resposta corajosa aos problemas da vida.

A abdicação de Rita aparece como um instrumento transformador que permitiu à santa converter o marido violento e egoísta, que a teria decepcionado profundamente. Se para uma perspectiva analítica de gênero sua obediência aos pais e ao marido poderia ser, a princípio, interpretada como uma forma de submissão ao elemento masculino e patriarcal, para Dona Amanda essa atitude se constituía como um meio que conduziu a santa para a realização de seu antigo sonho, de entrar para o convento. Nesse sentido, foi uma libertação.

Vejamos outro depoimento com essa perspectiva:

Ela foi um exemplo porque ela foi fiel a Jesus Cristo até o final. Ela não viveu o sofrimento apenas, né? Ela lutou pela conversão dele, né? Quer dizer que ela não aceitou tudo não, por que se ela não tivesse feito nada, ele ia continuar

²⁸ Cf. R.A.ORSI, “*Thank you, St. Jude*”: *women’s devotion to the patron saint of hopeless causes*; M.de GIORGIO, O modelo católico. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*.

do mesmo jeito, e ela mudou o marido. O casamento não é na saúde e na doença, na alegria e na tristeza? Por que que a gente sofre? Ninguém sabe. A gente só sabe que ele existe. Isso é um mistério, que a gente não vai entender nunca. [...] A cruz para os homens é loucura. Mas pra Deus é a salvação. Jesus morreu na cruz, mostrou sua fé no pai. Então a cruz é símbolo de libertação, porque a gente vê a cruz só como sofrimento, a gente fala que a cruz é maldita. Não, maldito é o homem que matou Jesus. Por que o sofrimento? O sofrimento existe por causa do pecado, né? [...] Ninguém quer sofrer, né? Ninguém é masoquista, né, ninguém quer sofrer por sofrer. Mas, é que ‘Ela’ é ... “Ela” quis identificar com a Paixão de Cristo, né? É porque, se Cristo sofreu por nós, e a gente experimentar esse sofrimento dele na pele, né? E “Ela” sofreu com a injúria, né, com ...com o sofrimento físico mesmo, né? Ela conquistou a felicidade dela aqui na Terra (Melisa, 58 anos, catequista, solteira, sem filhos; 23/09/2005).

A conduta de Santa Rita foi apontada, por Dona Melisa, como uma atitude de luta frente ao sofrimento que vivenciava. Esse discurso difere dos de outras devotas, menos engajadas em atividades na Igreja. Melisa vale-se de seu conhecimento teológico, adquirido como catequista, para interpretar a história da Santa. Assim, recorrendo à máxima católica de que o casamento era para ser vivenciado na saúde e na doença, ponderou que a santa, na condição de casada e mulher, teria mesmo que sofrer.

Em outros momentos da entrevista estas concepções associadas ao gênero feminino reaparecem. Perguntada sobre o que entendia da frase “*Oh! Que imitem a Santa Rita de Cássia as mulheres de nosso tempo!*”, proferida pelo Papa Leão XIII durante a cerimônia de canonização desta Santa, Melisa respondeu:

O que o Papa quis dizer talvez seja pras mulheres, né, serem mais amáveis com os maridos, né? Porque você sabe que tem muito marido bom, mas tem muita mulher ruim, ao contrário também, né? Tem muito homem que passa mal com as mulheres também, né? Não passa, o homem não passa mal, né? (riso). Então assim, tem mulheres que têm uma parte delas também que elas não são assim, como e que eu diria, porque lá no livro do Eclesiastes fala, né? “Feliz o homem que tem uma mulher dócil”, né? Uma mulher meiga, que acalma, silenciosa, né? Então ele queria a certeza, né, que as mulheres fossem mais dóceis mesmo, acho que a palavra, não tem outra não. Olha, pra mim todo sofrimento ...eu não acho que Ele quer que as mulheres sofram com o marido. Porque o respeito é bom e todo mundo gosta, né? Aí já passa a aceitar, né, as coisas do marido, por um momento que ela como uma pessoa de casa, dedicada, eu acho que funciona mais nessa parte mesmo, né? Mas não que ninguém quer sofrer, né? Por amor a Deus, porque o sofrimento existe independente do marido ou não, né? Porque mulher sofre discriminação mesmo,

né? Por exemplo, no trabalho, ela sofre. Agora isso tem o contrário também, né? Tem a mulher violenta, tem as escandalosas, né? Eu acho que não teria sentido, né? Por que sofrer por sofrer, Ele não vai mandar a pessoa sofrer à toa, né? Ai seria burrice, né? (Dona Melisa, 58 anos, catequista; 23/09/2005).

Melisa afirma que o sofrimento existe independentemente dos desígnios de Deus, do Papa ou do marido, ou seja, dos homens, mas de certa forma naturaliza o sofrimento e a discriminação femininas. Mas o interessante é que a devota se solidariza com a Santa, quando esta fica viúva após a conversão do marido:

Sendo que na hora que o marido converteu ela devia aproveitar a vida, a vida matrimonial dela, aí vem Deus e leva o homem ainda! Porque ela já tinha feito tudo, o marido já tinha melhorado, e ela não curtiu. (Dona Melisa, 58 anos, catequista; 23/09/2005).

A ideia de que a passagem pelo sofrimento teria garantido à Santa realizar seus sonhos no final da vida também apareceu na fala do devoto Henrique, estudante de 21 anos:

Então eu vejo assim, que ela é um exemplo mesmo, um exemplo de caminhada para mim, um exemplo de perseverança naquilo que ela queria, né, que era estar doando a vida dela para Deus, não importava a forma, né? E tanto ela quis, e tanto ela mostrou que não importava a forma que chegou um ponto que Deus deu a ela a graça do que ela queria, que é entrar no mosteiro, né? E doar a sua vida da forma que ela queria, né? Nossa! Para mim é fantástico. (Henrique, 21 anos, estudante de Engenharia, membro do Grupo Jovem da Paróquia de Santa Rita; 19/05/2006).

Do mesmo modo, o sofrimento se apresentava para outro devoto, o Sr. Mário, como elemento exemplar na vida de Santa Rita, posto que por intermédio de sua experiência a Santa teria recebido de Deus a graça de entrar no Mosteiro das Agostinianas, em Cássia. Mas o sofrimento desta Santa ganhou contornos especiais na fala desse senhor, pois ainda estaria impresso no corpo²⁹ de Santa Rita:

Então o corpo dela tá meio assim ... e nota que as expressões dela são de uma mulher que pegou no duro, né, que sofreu muito, ela tá assim um chocolate claro. As feições dela são muito fechadas. (Sr. Mário, 80 anos, eletricitista mecânico, casado; 21/09/2005)

²⁹ Os restos mortais de Santa Rita estão numa urna de prata e cristal no Mosteiro das Agostinianas em Cássia, Itália, onde foram colocados em 1947, e por onde se podem ver o rosto, os pés e as mãos, todos mumificados, além do esqueleto, coberto com o hábito da ex-monja. Há uma foto disponível em <http://www.santaritadacascia.org>.

O corpo morto da santa, na visão do devoto, trazia as lembranças de uma vida, constituindo-se, portanto, como um lugar de memória.³⁰ Memória de uma mulher que, a exemplo de tantas outras na história, teria literalmente sofrido na pele estigmatizações provocadas pela opressão masculina.³¹

Considerações finais

Início minhas considerações finais com a confissão de que, particularmente, havia uma grande inquietação que me moveu para esta pesquisa: interpretava como absurdas as narrativas biográficas que sugeriam às devotas seguirem a conduta feminina submissa e sofredora de Santa Rita de Cássia.

Decidi dar voz aos devotos tentando pensar a devoção em termos de seus agentes, representações e atos, e a pesquisa de campo acabou superando minhas expectativas e me surpreendendo. Os devotos, apesar de serem condicionados pelas suas posições de gênero, classe, enfim, por suas experiências pessoais nas relações com outras pessoas daquela rede de devoção, não concebiam as narrativas biográficas da santa como construções elaboradas culturalmente. Muitos disseram desconhecer a trajetória vivida pela santa, mas afirmaram que ela teria sido uma mulher muito obediente e sofredora, ou seja, nem sempre os devotos conheciam a história de Rita, mas muito do que falavam era aquilo que também era enfatizado nas novenas, nas missas, nos sermões do dia da festa.

Santa Rita, sem dúvida, era vista pelos devotos como um bom exemplo de esposa, mas para além dessa especialidade, era ainda considerada por eles como uma pessoa íntima, com quem se conversava, a quem se pedia conselhos, com quem se dividia as angústias e os problemas (por vezes simples) do cotidiano. Ela era ainda uma protetora especial, alguém com quem se compartilhava e a quem muitas vezes os devotos atribuíam os sucessos e as realizações pessoais, profissionais, entre outras – é a *santa das causas impossíveis*, como a de seu marido.

Algumas mulheres, apesar de terem afirmado que *ninguém é masoquista, ninguém quer sofrer*, acreditavam na capacidade “natural” das mulheres aguentarem o sofrimento, sobretudo em nome de suas famílias (Melisa). Muitas devotas não questionavam a vivência sofredora de Santa Rita como esposa; pelo contrário,

³⁰ Cf. PCLASTRES, De la torture dans les sociétés primitives. In: CLASTRES, Pierre. *La société contre l'État - recherches d'anthropologie politique*.

³¹ Cf. R.SOIHET, *Condição feminina e formas de violência*. Nesse contexto devo registrar que Santa Rita é conhecida e representada em imagens e santinhos por um estigma em sua testa, fruto de um espinho que teria se desprendido da coroa de Cristo e se fixado em sua fronte, após ter pedido a Jesus que compartilhasse sua dor com ela, na época em que vivia como monja no mosteiro das Agostinianas. Há um interessante artigo onde MARI-NOZZI analisa este estigma a partir de exames de radiografia feitos no corpo da Santa. Cf. G.MARINOZZI, *Ipotesi mediche sulle stigmatizzazioni e sulla spina di santa Rita da Cascia*. In: INSTITUTUM HISTORICUM AUGUSTINIANUM. *Atti Del Congresso Internazionale in occasione del I centenario della canonizzazione*.

enfativavam seu caráter exemplar (Dona Martha e Dona Amanda), digno de louvor, pois como disse o jovem Henrique: “*quem conseguiria fazer o que ela fez?*”. A trajetória da santa era exemplar porque ela era percebida como alguém que sofreu na obediência e na submissão, mas que, pela força da sua *resignação construtiva*, intermediada pela oração a Deus, realizou seu antigo sonho – entrou no convento e foi feliz.

Como se percebe, Santa Rita “sofreria” diferentes apropriações e múltiplas assimilações nas narrativas de seus devotos. Homens e mulheres criaram representações encerradas não somente na dimensão da resignação e da aceitação do sofrimento por parte de Santa Rita – e de seus devotos. O que era dito no âmbito da hierarquia eclesiástica e das narrativas biográficas, enfim, nos relatos que visavam proporcionar aos fiéis meios de ascender à santidade por meio da imitação³², chegava até os devotos, mas era apropriado de formas múltiplas ou circulares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, J.G.V. *Temas finais*. Viçosa: Editora Folha de Viçosa, 2003.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de Fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand, 1990.
- CHARTIER, R., Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lyn. *A nova história cultural*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CLASTRES, Pierre, De la torture dans les sociétés primitives. In: CLASTRES, Pierre. *La société contre l'État - recherches d'anthropologie politique*. Paris: Minuit, 1974, pp.152-160..
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - CNBB (ed). *Código de Direito Canônico*. São Paulo: Loyola, 1983.
- DAS, V., Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 14, n. 40, jun. 1999, pp.31-42.
- GIORGIO, Michela de, O modelo católico. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. O século XIX. Tradução de Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. Porto: Afrontamento, v.4., 1991, pp. 199-238.
- GINZBURG, C. *O Queijo e os Vermes: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras. 1987.
- GUIMARÃES, A. *O livro dos santos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- LE GOFF, J. *O homem medieval*. Lisboa: Presença, 1989.
- LIMA, R.S. S. “Oh! Que imitem a Santa Rita de Cássia!” As mulheres de nosso tempo: representações e práticas da devoção em Viçosa (MG), 2003-2006. Niterói: UFF / Departamento de História,. Dissertação (Mestrado em História Social), 2006.

³² Cf.A.VAUCHEZ, Santidade. In: *Enciclopédia Einaudi*.

- MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo, Abril. Prólogo e Introdução, 1984 [1922].
- MARCHI, M. L. de. *Santa Rita de Cássia*. A Santa dos Casos Impossíveis e Desesperados. 4.ed. São Paulo: Paulinas, 1955.
- MARINOZZI, G. Ipotesi mediche sulle stigmatizzazioni e sulla spina di santa Rita da Cascia. In: INSTITUTUM HISTORICUM AUGUSTINIANUM. *Atti Del Congresso Internazionale in occasione del I centenario della canonizzazione*. Storia, devozione, sociologia. Santa Rita da Cascia, Storia Devozione Sociologia. Roma: Studia Augustiniana Histórica, 2000.
- MENEZES, R. Saber pedir: a etiqueta do pedido ao santo. In: *Religião e Sociedade*. vol. 24. n. 1. out. 2004, pp. 46-64.
- MENEZES, R. Santo Antônio no Rio de Janeiro: dimensões da santidade e da devoção. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). *Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, 2009, , pp. 109-133.
- ORSI, Robert A. “*Thank you, St. Jude*”: *women’s devotion to the patron saint of hopeless causes*. New Haven: Yale University Press, 1996.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, vol. 5, nº 10, 1992, pp. 200-212.
- PARÓQUIA DE SANTA RITA DE CÁSSIA. *Roteiro para reflexão em família* Santa Rita de Cássia, patrona das causas impossíveis, 2003.
- QUINTÃO, Cônego Joaquim. *Rita estigmatizada: estrela fulgurante de Viçosa*. Viçosa: Editora Aprenda Fácil, 2000.
- ROSOLI, Gianfausto, La devozione a Santa Rita nei paesi europei e oltreoceano. Primi risultati di una ricerca. In: *Santa Rita da Cascia. Storia devozione sociologia*. Atti del Congresso Internazionale in occasione del I centenario della canonizzazione. Roma: Institutum Historicum Augustinianum, 2000.
- SCARAFFIA, Lucetta. *La santa degli impossibili*. Vicende e significati della devozione a Santa Rita. Torino: Rosenberg & Sellier, 1990.
- SOIHET, R. *Condição feminina e formas de violência*. Mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- STEVENS, E. Marianismo, The Other Face of Machismo. In: PESCATTELO, Ann (ed.): *Female and Male in Latin America*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2000, pp. 90-101.
- THOMPSON, P. *A Voz do Passado: História Oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- VAUCHEZ, André, O santo. In: VAUCHEZ, André . *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental: séculos VIII a XIII*. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- VAUCHEZ, André. Santidade. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987.